

Entre o mel e o fel: análise do repertório simbólico de Uma abelha na chuva

Andreza Barboza Nora

Resumo – Belíssimo documento literário sobre a pequena-burguesia portuguesa, *Uma abelha na chuva* (1953), de Carlos de Oliveira, dá-nos o privilégio de estar em contato com uma elaboração estética bastante sofisticada. Tal sofisticação, engendrada pelo apelo a recursos simbólicos requintados, faz desse romance um dos mais perfeitos de toda a história da literatura portuguesa. Cientes do refinamento estético de Carlos de Oliveira, objetivamos, neste estudo, analisar o simbolismo através do qual se escondem, em *Uma abelha na chuva*, questões cruciais para o neo-realismo português, como a opressão, a conscientização e/ou alienação da classe trabalhadora. Passando pelo enredo, pela onomástica e pela significativa presença na narrativa dos elementos água e abelha, buscaremos externar a concepção ideológica da obra, tomando por base o repertório simbólico que a mesma nos oferece.

Palavras-chave – Carlos de Oliveira. *Uma abelha na chuva*. Simbolismo. Neo-realismo. Opressão.

O simbolismo patente no enredo e a onomástica significativa

Uma abelha na chuva retrata o colapso da aristocracia e o desejo de ascensão social da burguesia. Focaliza, mais precisamente, as consequências trágicas de um casamento arranjado entre pessoas provenientes de classes sociais que entram em choque. O quarto romance de Carlos de Oliveira narra a história do casal formado por Álvaro Rodrigues Silvestre e Maria dos Prazeres Sancho Silvestre: ele, filho de lavrador/comerciante do Montouro (burguesia em ascensão); ela, proveniente de uma família da aristocracia em estado de crise.

Álvaro e Maria vivem em total desencontro. Ela permanece inebriada pelo seu passado. O esposo, oriundo de uma camada da sociedade que ela põe vários degraus abaixo do seu, busca, em vão, ultrapassar o abismo cavado entre os dois. Ele percebe logo que, para transpô-lo, será talvez necessário fazer com que a mulher desça do pedestal em que se refugia no presente. Para tanto, Silvestre planeja publicar no jornal local (*O comarca de Corgos*) uma confissão de suas próprias desonestidades, o que, sem dúvida, iria denegrir a imagem de ambos. Nessa confissão, que não chega a ser pública, já que a esposa toma providências nessa direção, Álvaro, ainda que de forma inconsciente, mostra o seu ódio de pequeno-burguês pela classe aristocrática à qual, embora decadente, ele não pode ascender.

Na história de *Uma abelha na chuva*, não há uma ação única, e sim duas que mantêm relações bastante estreitas: a mais saliente, ou seja, a das relações problemáticas do casal protagonista, e uma secundária, que retrata a história de amor de Jacinto (cocheiro por quem Maria dos Prazeres nutre uma secreta paixão) e Clara (filha do santeiro da região). Ambas histórias sofrem mútua interferência: porque descobre que a esposa sente um desejo reprimido pelo condutor de cavalos, Álvaro busca se vingar deste. Na sede de vingança, descobre ao pai de Clara que a mesma espera um filho, fruto do relacionamento até então oculto com Jacinto. Ao tomar conhecimento dos fatos, António planeja a

morte do cocheiro. Para colocar em prática seu plano, conta com a ajuda de Marcelo (seu servente na olaria), que, com a promessa de receber as mãos de Clara como recompensa, aceita participar do crime.

Na tensa atmosfera da narrativa, predominam relações de opressão que se dão, não apenas entre estrato dominante e dominado, mas entre os próprios dominadores – de que vão ser exemplos os conflitos entre o casal protagonista – ou dominados – como exemplifica o fato de assassinos e assassinado pertencerem à mesma classe social.

Os personagens que fazem parte da trama de *Uma abelha na chuva* podem ser divididos em dois grupos principais: o das abelhas produtivas, associadas ao trabalho – aquelas que fabricam o mel – e o dos que estão ligados à ociosidade. Nesse primeiro grupo, podemos incluir Clara, Jacinto, Marcelo e o povo como uma entidade coletiva. Já no segundo, inserimos os parasitas da sociedade, que representam o estrato dominante: Maria dos Prazeres, Padre Abel e sua “irmã” D. Violante, assim como o santeiro António. Estes, na ótica de Dr. Neto, personagem que parece dar voz ao autor, “fabricam fel”, são “abelhas obcecadas”; enquanto os primeiros são vistos como “bichos sábios comedores de pólen”.

Álvaro Silvestre, dada sua complexidade dentro da obra, poderia figurar em qualquer grupo mencionado acima. Ele não cabe exclusivamente a nenhum dos dois, pertence a ambos, seu próprio nome já sugere isso – Álvaro Rodrigues Silvestre – Álvaro vem de alvo, branco, puro (o que sugere o caráter natural do personagem) e Silvestre, que tem como acepções selvagem, improdutivo. De acordo com Francisco Cota Fagundes, um dos atributos do personagem no romance:

[...] é o de poluidor. Silvestre polui a alvura dos Alvas, conspurca a beleza doirada da abelha que é Jacinto. Porém, o narrador sugere que, se Silvestre não tivesse sido imolado – ele também aos desígnios de seu pai - [...] teria sido puro de verdade como Clara, a quem se irmana pelo nome. (1980, p. 687).

Concordamos com as palavras do crítico, visto que as imagens que Silvestre associa à sua infância – as aves, os campos idílicos, as fontes – “o sino espargia sobre a gândara o som bíblico do amanhecer e nas casas nascia o lume para a dejuá” (OLIVEIRA, 1980, p. 98) – indicam que o que veio poluir sua trajetória limpa e pura foi o casamento arranjado com a “alvíssima” Maria dos Prazeres: “sangue por dinheiro [...] assim seja, concordou o pai de Álvaro Silvestre, compra-se tanta coisa, compre-se também a fidalguia” (OLIVEIRA, 1980, p. 21).

Diferente de Álvaro, as imagens que estão associadas à Maria “são sobretudo imagens de uma realidade confeccionada, não natural, com elementos de um mundo polido mas artificial, sugestivos da personalidade dela” (1980, p. 688): “as rendas minuciosas, o cristal, a prata [...], o pai com a taça de champanhe na mão; as gravuras de caça ainda mais minuciosas do que as rendas, as louças frágeis como a espuma” (OLIVEIRA, 1980, p. 21).

À Maria estão ligados ainda a chuva destrutiva, o fogo e o chicote. Os dois primeiros elementos são relacionados à própria personagem, já o último, à classe social a que pertence. A chuva, quando

associada à esposa de Álvaro, confere à mesma “um caráter transcendente, quase sublime, um poder de deusa a quem os elementos obedecem” (FAGUNDES, 1980, p.688). Assim, continua o crítico:

 Maria entra em Corgos a toda brida – antes da chuvada estalar no pavimento. Quando confronta o marido, a chuvada despenhou-se por fim, forte aguaceiro. Enquanto os camponeses estavam no pátio da casa de Maria, caía uma chuva leve; cresce a fúria nela, está prestes a gritar-lhes – a chuva tornava-se mais forte. Antes dela gritar ‘Rua’, ouve-se a chuva bater nas ramagens. (FAGUNDES, 1980, p. 688).

De modo contrário, quando Maria dos Prazeres está calma, a chuva diminui: na charrete, indo da sede do *Comarca de Corgos* para casa, com a viagem monótona: “chuva miúda”; quando está na cama: “chuva tamborilando na janela”. O que percebemos, desse modo, é que a intensidade da chuva acompanha seu estado emocional. Enquanto a personagem está calma, a chuva é branda; quando se mostra agressiva, a chuva transmuda-se em forte tempestade. Isso permite-nos dizer que há, em Maria dos Prazeres, um jogo entre o eu-social e o eu-autêntico, e é justamente quando o eu-autêntico (ou eu-interior) domina a personagem que a chuva se transforma em tempestade, o fogo queima e o chicote entra em ação.

O fato de Maria ser uma opressora em relação às “abelhas do mel”, portanto, uma das culpadas pelo aspecto trágico que se instaura no romance, é atenuado pelo simples motivo de ela própria ser vítima de um casamento forçado:

 [...] a amarga obediência aos pais e o desejo de os ajudar, a curiosidade e o medo, o medo e um pouco de esperança; avançava pelo braço do pai, toda de branco, entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas, sorria mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido; a chuva caía, caía com certeza, no passado e agora. (OLIVEIRA, 1980, p. 23-24)

A esposa de Álvaro tem o nome mais irônico do romance, já que *dos Prazeres* é o sobrenome menos adequado a ela. Fora essa ironia relativa ao sobrenome Prazeres, podemos afirmar que seu nome completo, bastante extenso – Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre – fica responsável por marcar sua linhagem aristocrática, que muito contrasta com a simplicidade de seu marido.

Continuando a análise dos personagens que fazem parte do grupo das “abelhas do mel”, temos Mestre António, pai de Clara. O santeiro, das “mãos abençoadas a mexer no barro”, de santo não tem resquício: é dele a iniciativa de dar cabo à vida de Jacinto. O pai da abelha que fabrica o mel mais doce na trama, cego fisicamente, é um personagem carregado de simbologia, não somente pelo seu nome (cuja relação [não]intencional com o santo homônimo nos escapa), mas também pelo fato de ter uma deficiência visual, que, de acordo com nossa interpretação, vai muito além do plano físico: “Casar a filha com um lavrador. Desde o nascimento de Clara que embalava o sonho de sair da pobreza pela mão da rapariga [...]” (OLIVEIRA, 1980, p. 115). Este era o desejo do personagem, cego com relação às lutas de classe e às verdadeiras soluções para a opressão da qual as abelhas trabalhadoras são vítimas.

Padre Abel, o representante da religião católica em *Uma abelha na chuva*, assim como muitos outros personagens, parece ter um nome significativo – o eleito de Deus –, porém, às avessas:

Houve uma altura em que a situação do padre foi muito difícil, quando a viúva do Teixeira marchante, riquíssima e piedosa, tentou arranjar ambiente para uma representação ao Bispo-Conde, que lhe pedisse cobro à escandalosa mancebia: padres da República, já de si mal formados, com badalhocas desta força em casa que podem eles fazer pela santíssima doutrina? (OLIVEIRA, 1980, p. 38)

A companhia constante de D. Violante, há muito provocava a desconfiança dos vizinhos, que relutavam em acreditar que eles eram apenas irmãos. Essa relação mal explicada trazia uma péssima imagem para o sacerdote e, mais ainda, para sua acompanhante. Além da suposta mancebia, também as falas do padre, sempre entremeadas de comentários que fogem ao texto sagrado, comprometem sua santidade.

Dando espaço à caracterização das “abelhas do mel”, temos, primeiramente, Clara. Essa doce menina, cujo nome está associado à lucidez e limpidez, é uma grande vítima no romance, o que vem ratificar a observação de Francisco Fagundes quando afirma que “o pobre, devido a sua condição de subserviente e a certa ironia do destino inelutável, acaba sempre por ser a verdadeira vítima dos ódios e tragédias dos poderosos” (1980, p. 685). Clara é a filha do cego António, porém, dele difere bastante no caráter e na consciência política. No que diz respeito ao simbolismo de seu nome, parece intencional que o mesmo esteja ligado à lucidez, atributo indispensável a quem pretende organizar uma luta de classe.

Algumas passagens do livro sugerem que Clara, cujo par romântico é Jacinto, vem por oposição completar seu amado. Desse modo, temos a sugestão de que ela, “linguazinha de prata” (OLIVEIRA, 1980, p. 88), portanto lua (?), opõe-se ao sol que é seu namorado. Sol esse que nos é sugerido pela cor ruiva de seus cabelos, que muitas vezes ganha destaque na obra. Se Clara é um nome expressivo, Jacinto também o é: flor ornamental e nome de pedra preciosa de cor alaranjada. Deduzimos que Jacinto seja um personagem simbólico por meio desses dois atributos: o cabelo ruivo e a preciosidade (valor monetário) a que se refere sua patroa. Como podemos observar no romance, “O perfil do cocheiro arrancava-o da sombra a luz amarelada: o queixo espesso, o nariz correto, a fronte de encontro à noite parecia uma moeda de ouro.” (OLIVEIRA, 1980, p.19). É por esse viés que Dona Maria dos Prazeres o definiu quando “cravou os olhos no cocheiro, inteiriço como um bloco, atento à noite e à estrada...homem devia ser aquele pedaço de pedrada que a treva contornava, luminoso...” (OLIVEIRA, 1980, p. 22).

O simbolismo da abelha e o da água

Em sentido mais amplo, a abelha pode ser símbolo de todas as personagens de *Uma abelha na chuva*, sejam elas pertencentes ao grupo dos que fabricam mel ou fel. De forma mais estrita, esse inseto representa os pobres trabalhadores dos quais Dr. Neto “seguia desveladamente o trabalho” (OLIVEIRA, 1980, p. 52).

O título do livro, bastante simbólico, parece ser referência exclusiva a Clara, visto que na última “cena”,

A abelha foi apanhada pela chuva: vergastadas, impulsos, fios do aguaceiro a enredá-la, golpes de vento a ferirem-lhe o vôo. Deu com as asas em terra e uma bâtega mais forte espizinhos-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem acabou por levá-la com as folhas mortas” (OLIVEIRA, 1980, p. 180).

A morte da abelha retratada nesse trecho, traça um paralelo com a morte de Clara, o que faz com que associemos o título ao par romântico que esta forma com Jacinto. Entretanto, como assinala Fagundes, “quaisquer que tenham sido as originais intenções de Carlos de Oliveira, não se pode restringir a aplicação da imagem *uma abelha na chuva* unicamente a esta personagem, nem a qualquer outra personagem individual do romance” (1980, p. 686). Realmente, ao longo do romance, sua aplicação aparece pela primeira vez relacionada a Jacinto, que talvez seja a maior vítima de *Uma abelha na chuva*.

O símbolo da abelha, portanto, tem duas interpretações distintas: pelo viés negativo e pelo positivo. No primeiro, temos as “abelhas cegas, obcecadas”, que figuram no estrato dominante da sociedade corrompido por uma aliança de interesses que nunca se conciliam. Assim, temos o que de imperfeito e impuro há em determinado nível social. No outro pólo, o positivo, temos aqueles que estão no mundo do labor, as abelhas doces, que produzem o símbolo da perfeição: o mel. Logo, o que vemos, é a opressão sofrida principalmente pelos que estão situados na esfera do trabalho, longe do fel dos que impunham chicotes.

Em *Uma abelha na chuva*, a água sempre está associada a alguma de suas manifestações: mar, rio, fonte, chuva fraca, tempestade. É um elemento que não pode ser encarado separadamente dessas formas particulares que pode assumir; ela é, portanto, um símbolo carregado de significados conforme se metamorfoseia.

A água é, sobretudo, chuva. Presente no título, o símbolo da chuva marca sua presença em momentos cruciais da história, desde o início ao fim. Na forma de tempestade, a chuva realça, pelo contraste, o conforto do abrigo. No decorrer do livro, como observou Manuel dos SANTOS ALVES:

[...] a chuva aparece metonicamente associada aos personagens, sobretudo, Álvaro Silvestre. É, dos seus conflitos, não só um símbolo, mas um elemento caracterizador, quaisquer que sejam as metamorfoses que revista, quer em si mesma, quer no elemento fundamental a que pertence: a água. (1988, p. 199).

A chuva, como elemento plurifuncional, concede à obra uma estrutura circular e também contribuiu para sua atmosfera sufocante. O que ela evoca, normalmente, é o sentido da agressividade, componente indiscutível do tema da opressão. A presença da chuva gera desconforto nos personagens e acentua os seus dramas. Entre todas as manifestações possíveis do universo simbólico da água, tempestade parece ser a palavra-chave, uma vez que a trama é marcada por inúmeros conflitos.

A atmosfera tempestuosa a que nos referimos anteriormente é mantida ao longo da narrativa até atingir seu clímax no final, com o assassinato do ruivo. No início, “Ameaçava chover. O vento ia descoalhando as nuvens e abria caminho à grossa *chuvada* que a tarde esperava” (OLIVEIRA, 1980, pág. 2). Conforme os conflitos se acentuam, a chuva aparece sob forma opressora, tempestuosa, até

que no fim novamente “começou a chover” (OLIVEIRA, 1980, pág. 179). Assim, o elemento chuva tem o poder de por em círculo a estrutura do romance.

Além de ser chuva, a água ainda é rio e fonte. É fonte que brota e evoca o passado que surge na memória de alguns personagens, principalmente do casal Álvaro e Maria dos Prazeres. A fonte é uma imagem próxima da infância e, conforme se transforma em rio, afasta-se desta, tornando-se turva e impura: “Primeiro a fonte brotou tenuemente, muito longe, na infância; depois, a água mansa turvou-se ao longo do caminho, do tempo, com o lixo que lhe foram atirando das margens; e agora é chocante, escura, desesperada” (OLIVEIRA, 1980, p. 20). A água da fonte e a do rio se opõem assim como presente e passado. O tempo presente não é favorável à vida do casal, daí as recordações da infância e juventude surgirem como refúgio.

Um significado ideológico muito relevante que pode ser extraído de *Uma abelha na chuva* reside nas relações mantidas entre seus personagens. Além dos grandes protagonistas, Álvaro e sua esposa, servirem de exemplo de incompatibilidade (que é anterior à união matrimonial), temos ainda outros casais que, apesar de figurarem como tal, são antagônicos de algum modo.

O casal Silvestre, par opositor por excelência, tem como grande diferença o *status* social que fica patente no nome de ambos: ele, “Álvaro Rodrigues Silvestre, comerciante e lavrador do Montouro, freguesia de S. Caetano, concelho de Corgos” (OLIVEIRA, 1980, p. 6); ela, Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho...Silvestre. Além dessa diferente “linhagem”, há uma barreira física e social entre eles, barreira essa que Álvaro tenta transpor, mas em vão. Ele ama a esposa, mas esse amor não o deixa cego, o que permite que ele rebata o ódio que ela demonstra por ele. Assim, cansado da indiferença de Maria, ele lança à esposa a seguinte provocação:

Muito conde muita léria, mas há vinte anos que me comes as sopas. Quando houve fome lá pelos palácios, foi aqui que a vieste matar, com a família atrás. E vinham todos mais humildes, vinham quase de rastos. Nesse tempo o que a prosápia queria era boa. (OLIVEIRA, 1980, p. 75)

A casa que Maria e Álvaro habitam também reflete essa falta de harmonia entre eles: “A casa, toda gelava, gelava. Porém, no escritório do marido, na sala de jantar, fora possível conseguir um mínimo de aconchego, à custa de móveis e tapetes. No quarto não” (OLIVEIRA, 1980, p. 79-80). O cômodo que deveria ser o ninho de amor, apesar dos esforços de Maria dos Prazeres, era um ambiente gélido:

O quarto era espaçoso. Carregara-o de móveis para lhe dar algum conforto, mas a mobília de castanho, o lustre maciço de madeira, a mesa de pau santo em frente a da janela, as ramagens densas do papel que forrava as paredes de alto a baixo, não tinham alcançado a intimidade que sonhara. (OLIVEIRA, 1980, p. 79).

As relações entre Dona Violante e Padre Abel também dão indícios de incompatibilidade. Ainda que seja no plano físico, há um contraste entre “o casal de irmãos”: “Parecidos como o ovo e o espeto. Sempre que os via juntos, ela maciça e baixa, o padre esgrouviado, D. Maria dos Prazeres tinha um sorriso de dúvida: realmente...ninguém dirá que são irmãos” (OLIVEIRA, 1980, p. 37). Indo além da diferença física, fica a dúvida de D. Maria dos Prazeres, dúvida que afeta o meio social em que as

personagens se inserem. De acordo com Carlos Reis, “o que essa dúvida insinua é também uma incompatibilidade, agora exercida no plano institucional e traduzida na suspeita de que as personagens em questão vivem em mancebia e portanto numa situação moralmente precária” (1996, p. 69).

O terceiro casal cuja desarmonia é evidente é formado por Dr. Neto e sua eterna namorada D. Cláudia. Enquanto ela, “temia a natureza, a chuva, o sol, o mar, o vento, ignorava as flores que irrompem dos estrumes, e a própria vida humana, as relações sociais” (OLIVEIRA, 1980, p. 51), ele, “atascado até o pescoço na vida do Montouro, sabia bem o que custava uma espiga de milho, aos homens e à terra, conhecia as escuras germinações de um girassol ou de uma rosa porque ele próprio plantava para suas abelhas” (OLIVEIRA, 1980, p. 52).

As relações de contraste acima mencionadas podem parecer insignificantes no tocante à ideologia que permeia o romance, entretanto, acreditamos que as mesmas sirvam para ilustrar a crise instaurada no universo social que o autor põe em relevo. Embora *Uma abelha na chuva* esteja longe de uma abordagem maniqueísta em que facilmente detectamos exploradores e explorados, onde aqueles são responsáveis por todo infortúnio destes, Carlos de Oliveira não deixa de criticar os abusos da burguesia e os desmandos dos setores mais favorecidos da sociedade portuguesa. Os alvos do autor são, sobretudo, o segmento eclesiástico e os representantes da classe burguesa. Padre Abel, como personagem que dá voz à Igreja, é criticado por sua vida fora dos padrões da santidade. Além da suposta mancebia, responsável pela indignação das beatas (e dos leitores?), a Padre Abel ainda cabe outra crítica: a de fazer parte da “roda burguesa” buscando atender os interesses da mesma:

O Padre Abel, após a missa est, valeu-se da prédica dominical para fazer o que podia por Álvaro Silvestre:

– O boato é um vício detestável, sobre ser pecado de arrastar as almas às portas do inferno. E porquê? Porque gera a calúnia e a calúnia engendra a infâmia e das infâmias há-de Deus pedir-nos contas quando chegar a hora” (OLIVEIRA, 1980, p. 177).

Saindo do campo eclesiástico e atentando para a “aristocracia do Montouro”, temos, nas palavras de Silvestre, uma auto-confissão a respeito dos desmandos a que podem chegar os que fazem parte da sua classe social:

Eu, Álvaro Rodrigues Silvestre, [...] juro por minha honra que tenho passado a vida a roubar os homens na terra e a Deus no céu, porque até quando fui mordomo da Senhora do Montouro sobrou um milho das esmolas dos festeiros que despejei nas minhas tulhas. Para alguma salvaguarda juro também que foi a instigações de d. Maria dos Prazeres Pessoa de Alva Sancho Silvestre, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada dos trabalhadores e na legítima do meu irmão Leopoldino, de quem sou procurador, vendendo-lhe os pinhais sem conhecimento do próprio, e agora aí vem ele de África para minha vergonha, que não lhe posso dar contas fiéis” (OLIVEIRA, 1980, p. 6-7)

Rapidamente percebemos, porém, que parte do intuito de Álvaro era vingar-se de Maria dos Prazeres, ao denunciá-la como cúmplice. Além de lesar praticamente “meio mundo”, ele tenta arrastar a mulher em seu processo de degradação. Após enganar várias pessoas, engana a si mesmo, pois a necessidade de confessar-se por meio de um veículo de comunicação em massa que é o jornal da comarca serve apenas para aplacar a consciência, além de representar um investimento seguro e bem

calculado já que, se estivesse em paz com Deus, não correria o risco de ser castigado com a perda do seu bem-estar. Contudo, Maria dos Prazeres o impede de consumir a confissão planejada, tornando-se cúmplice do marido, como ele já havia afirmado.

Além da confissão de Silvestre, exemplo bastante explícito de denúncia social, ainda podemos citar a opressão sofrida principalmente pelos personagens Marcelo, Clara, Jacinto (abelhas produtivas) e a morte deste casal, comprovando que os pobres trabalhadores são as grandes vítimas dos detentores do poder socioeconômico.

Entre todos os personagens que participam de *Uma abelha na chuva*, acreditamos que Jacinto encarne o maior exemplo de conscientização política. O cocheiro sabe que os patrões não se preocupam com as condições de vida dos trabalhadores, chegando a ironizar D. Maria dos Prazeres após esta ter esfolado a égua com o chicote: “– Devagar Jacinto. E mesmo que mandem esfolar a égua, não a esfoles. O rapaz sufocou sabe-se lá como a risada quase irreprimível que lhe subiu do fundo da garganta: isto é ali com o safardana [...]” (OLIVEIRA, 1980, p. 33).

Jacinto, em seus diálogos com Clara, mostra ter consciência de que é preciso buscar uma vida digna, lutar por melhores condições de trabalho, ainda que isso não seja tarefa fácil:

O mundo é grande e em toda parte do mundo se vive.
– Viveremos?
– Há terra por aí fora que é um louvar ao céu.
Ficou silencioso um instante e repisou depois, como se quisesse fixar uma idéia para sempre:
‘Não falta chão por esse mundo à espera duma enxada’ (OLIVEIRA, 1980, p. 92).

Em determinado momento do diálogo com a filha de mestre António, Jacinto faz a seguinte crítica aos lavradores: “Que me importam a mim os lavradores? [...] E deixe lá que são de boa raça aos lavradores. Como os cardos que nem os burros querem. [...] Bons para afogar no poço com dois pedregulhos amarrados às canelas” (OLIVEIRA, 1980, p. 93). É evidente, na ótica neo-realista, que essa crítica deve ser estendida a todos os empregadores que agem apenas visando o lucro, nunca o bem-estar de seus empregados.

O povo, diferentemente de Jacinto, não consegue enxergar soluções para as injustiças com as quais se depara, como exemplifica o episódio após a descoberta do assassinato do cocheiro, quando “os primeiros protestos ecoaram na rua [...] Alguém apedrejou a casa; vidros estilhaçados retiniram” (OLIVEIRA, 1980, p. 159). O povo não vai além desse esboço de revolta, desordeira e sem grande propósitos. Como afirmou Maria dos Prazeres quando avistou os revoltosos, eles não eram mais que uns “[...] mortos de curiosidade, porque não estavam ali senão a farejar o escândalo [...]” (OLIVEIRA, 1980, p. 158). Deixando claro que era totalmente alienado e incapaz de travar uma luta de classe, o povo, após os gritos da esposa de Silvestre, que visava a expulsão dos trabalhadores da propriedade do casal, “começou a escoar pelo portão, sem grandes complicações” (OLIVEIRA, 1980, p. 158).

Se Jacinto é o maior exemplo de conscientização na narrativa, Marcelo e Mestre António são bons exemplos de alienação. O servente porque, como trabalhador que era, jamais poderia ajudar

António a assassinar o cocheiro, já que este também era um representante da classe oprimida. Além de eliminar uma abelha do mel, laboriosa, Marcelo o faz sem saber a motivação do santeiro:

- Sabes porque o matamos?
- Foi vocemecê que mandou.
- Boa resposta, sim senhor. (OLIVEIRA, 1980, p. 135)

Já o pai de Clara, além de ser o grande responsável pela morte de Jacinto (que por si só já nos permite considerá-lo alienado), sempre alimentou o desejo de casar a filha com um homem rico: “Casar a filha com um lavrador. Desde o nascimento de Clara que embalava o sonho de sair da pobreza pela mão da rapariga [...]” (OLIVEIRA, 1980, p. 115). Como afirmamos anteriormente, a cegueira do personagem era muito mais que física: ele acreditava que um casamento poderia resolver os desníveis da sociedade.

Conclusão

Após a morte de algumas abelhas, depois de muitos conflitos e grandes tensões, o que resta ao enxame? Aparentemente o romance termina com uma mensagem pessimista, uma vez que Clara e Jacinto, os grandes representantes da parcela consciente do povo, morrem. Entretanto, como assinalou Carlos Reis, “a destruição da abelha não implica necessariamente a do enxame” (1996, p. 102).

A abelha, que acreditamos simbolizar Clara na cena final, depois de ser apanhada pela chuva, voa para a cidade verde. No contexto de uma obra em que o simbolismo é notório, acreditamos que essa cor também seja um recurso simbólico: representa a esperança de um futuro melhor. Afinal, a morte de uma abelha isoladamente não compromete a sobrevivência do enxame que a perdeu. Clara (ou a abelha da cena final) é a semente de um processo de transformação que precisa lutar para evitar que haja espaço para novas abelhas na chuva.

Clara estava grávida, o que de certo modo aponta para o futuro, mas o fato dela se suicidar com o filho no ventre mostra a força da opressão que chega a destruir alguém que ainda está por nascer. Acreditamos que a morte de Clara é apenas o fim de um ciclo individual, ciclo que pode se tornar coletivo, tendo em vista que todos somos abelhas e que estas trabalham em conjunto para o benefício de toda a colméia.

Referências bibliográficas

ALVES, Manuel dos Santos. Uma abelha na chuva da mudança ou a interseção de paradigmas. In: *Biblios*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v. LXIV, 1988, p. 197-205.

FAGUNDES, Francisco Cota. Tese e simbolismo em *Uma abelha na chuva* de Carlos de Oliveira. In: *Revista Hispania*. Texas: American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, v. 63, n. 4, Dec. 1980, p. 685-690.

OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*. 20. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

REIS, Carlos. *Introdução à leitura de Uma abelha na chuva*. Coimbra: Almedina, 1996.